



Universidade de Brasília

Faculdade de Ceilândia

SORAIA DE CASTRO DOMINGUES

**O AMOR NA SOCIEDADE
Quando a virtude se torna dor**

Brasília – DF

2013

SORAIA DE CASTRO DOMINGUES – 09/0014014

O AMOR NA SOCIEDADE
Quando a virtude se torna dor

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade de Brasília (UnB) como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Terapia Ocupacional.

Professora Orientadora: Profa. Dra. Paula Giovana Furlan

Brasília – DF

2013

O AMOR NA SOCIEDADE
Quando a virtude se torna dor

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade de Brasília (UnB) como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Terapia Ocupacional.

Professora Orientadora: Profa. Dra. Paula Giovana Furlan

Professor _____

Orientador

Professor _____

Primeiro Examinador

Professor _____

Segundo Examinador

Dedico este trabalho a vocês que sempre persistiram para que eu não desistisse e acreditaram na minha capacidade de chegar ao fim com êxito. Vocês demonstram a essência do amor, meus pais, Cida e Miguel.

Adiante, agradeço a Deus por ser pai e amigo a todo o momento, ao Espírito Santo por ser consolador em meio ao sofrimento e a Jesus por ser a própria essência do amor. Sou grata aos meus pais, que abriram mão de si por mim; ao Danilo, que me mostrou que é possível viver o amor; aos meus amigos Alessandra, Selassiê, Isabel, Maria Flávia e Jessyca, que me suportaram desde o início e sempre se encontraram disponíveis; a toda família Castro, que é um exemplo de alicerce; à minha orientadora, Paula Furlan, que confiou no meu trabalho e esteve sempre acessível para ajudar; e a todos que contribuíram de alguma forma para que eu chegasse até aqui e conquistasse mais uma vitória.

*“O amor é a única loucura de um sábio e a
única sabedoria de um tolo.”*

William Shakespeare

RESUMO

A presente pesquisa buscou compreender o amor enquanto virtude como causador de sofrimento na atualidade e discutir o risco de patologização do sentimento. Além de analisar o amor como prática social desde suas origens a suas transformações.

O levantamento de dados foi feito em duas etapas. Primeiramente foi realizada uma revisão da literatura, relatando o amor no contexto sócio-histórico segundo a Filosofia e a História. Foram analisados também, artigos científicos a respeito do amor na sociedade enquanto causador de sofrimento, com levantamento dos periódicos nas bases de dados SciELO e BVS – Biblioteca Virtual em Saúde de 2002 a 2012. Foram utilizados os seguintes descritores: amor, amor e violência, amor e dependência, amor e ciúme, dor de amor, amor patológico. Dentre os critérios de inclusão foram inseridos artigos científicos completos, em Língua Portuguesa, que abordavam o sentimento amor como prática social e o processo saúde-doença relacionado à virtude amor.

A análise crítica foi feita através da abordagem exploratória com o objetivo de aprimoramento de ideias e a descoberta de intuições, com natureza qualitativa das relações sociais e orientado pela metodologia hermenêutica.

Que o presente trabalho seja um novo conhecimento e uma forma de ajuda aos que se identificarem com o objeto de estudo e que sirva de base a outros profissionais da saúde para que, ao lidarem com esse tipo de situação, remetam-se a esta pesquisa e sintam-se motivados a iniciar novos estudos com este tema.

Palavras-chave: amor, virtude, sofrimento, prática social.

ABSTRACT

This research sought to understand the love as a virtue to cause suffering at present and discuss the risk of pathologizing feeling. Besides analyzing the love as social practice from its origins to its transformation.

The data collection was done in two steps. First a literature review was performed , reporting the love in the socio - historical context according to the Philosophy and History . Virtual Health Library 2002-2012 - scientific articles about love in society while causing suffering to a survey of journals in the SciELO and VHL data were also analyzed . Love, love and violence , love and addiction , love and jealousy, pain of love , pathological love : The following descriptors were used . Among the inclusion criteria were entered full scientific articles in Portuguese, which addressed the feeling love as social practice and the health-disease process related to love virtue .

The review was made by exploratory approach with the aim of improving ideas and discovering insights , qualitative nature of social and guided by hermeneutic methodology relations.

I wish this work is a new knowledge and a way to help those who identify with the object of study and as a basis for other health professionals so that when dealing with this type of situation, referring to this research and feel encouraged to initiate new studies with this theme

.

Keywords: love, virtue, suffering, social practice.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA	11
OBJETIVOS.....	16
Geral	16
Específico	16
METODOLOGIA	17
Métodos.....	18
1. CONTEXTO SÓCIO-HISTÓRICO DO AMOR.....	19
1.1. A ORIGEM DO AMOR ATRAVÉS DOS MITOS	19
1.1.1. A origem de Eros	20
1.1.2. Eros e Psiqué – O Amor se apaixona pela Alma	20
1.1.2.1. Eros e Psiqué – Confiança: a base do Amor	21
1.1.2.2. Eros e Psiqué – A Alma vai à busca do Amor.....	22
1.1.3. Adão e Eva – O Amor nasce do Amor	24
1.1.4. O Andrógino – Em busca da sua outra metade	24
1.2. A EVOLUÇÃO DO AMOR NA CIVILIZAÇÃO	26
1.2.1. As primeiras manifestações do amor	26
1.2.2. O amor sofre mudanças.....	27
1.2.3. As grandes civilizações.....	28
1.2.4. A tentativa de reação da mulher	29
1.2.5. Amor: será ele intocável?.....	29
1.2.6. O problema do amor	30
2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....	31
2.1. AMOR ROMÂNTICO	33
2.2. AMOR COMO PRÁTICA SOCIAL.....	35

2.3. AMOR COMO CAUSADOR DE SOFRIMENTO	39
2.3.1. Ciúmes.....	41
2.3.2. Erotomania.....	42
2.3.3. Amor patológico	43
2.3.4. Crime Passional.....	44
2.4. O SOFRIMENTO CAUSADO PELA FALTA DE AMOR.....	47
CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	51

INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA

Nesse meio vasto e contraditório que é o processo saúde-doença há uma indagação a respeito do amor na vida do sujeito. Pensar em amor, normalmente, nos remete à alegria, bem estar, satisfação, realização, esperança, prazer, inocência e muitos outros valores/conceitos saudáveis, tanto quando importado da História, como descreve Platão em “O Banquete” no qual diz que o amor é o mais antigo dos deuses, mais poderoso e honrado para conquista da felicidade e virtude entre os homens, tanto na vida, como após a morte; quanto exemplificado no próprio dicionário onde é descrito, entre outros conceitos, como “sentimento que impele as pessoas para o que se lhes afigura belo, digno ou grandioso” (MICHAELIS, 2009); e também como é conceituado na Bíblia Sagrada que diz:

O amor é sofredor, é benigno, não é invejoso, não trata com leviandade, não se ensoberbece, não se porta com indecência, não busca os seus interesses, não se irrita, não suspeita mal, não folga com a injustiça, mas folga com a verdade. Tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta. O amor nunca falha. 1 Coríntios 13:4-8 (RYRIE, 2007, p.1121).

Mas o que é amor? Será possível explicar em palavras esse termo completamente subjetivo? Questiona-se isso, pois mesmo com tantos conceitos positivos a respeito do amor, nos deparamos na experiência da vida com casos em que se considera que amar demais se tornou maléfico à saúde, ou seja, quando ocorre falta de controle e de liberdade de escolha sobre a conduta de amar, “de modo que ela passa a ser prioritária para o indivíduo, em detrimento de outros interesses antes valorizados, será caracterizado como um problema denominado amor patológico – AP” (SOPHIA et al, 2005).

Outros questionamentos motivam o estudo de algo considerado tão confrontador e inconstante. A mídia mostra (GLOBO, 2009; LEÃO, 2011) que o amor está sendo levado a outras perspectivas negativas, como a posse, o ciúme excessivo e a obsessão. Matar por amor, será isso possível? O questionamento lançado é se a verdadeira causa para esse crime passional poderia ser chamada amor. Quem ama, mata? Falar sobre amor envolve não apenas pessoas, mas culturas, princípios, religiões e crenças, entre outros aspectos da vida em sociedade.

O amor é um sentimento ou é uma escolha? Sabemos que ele ocorre naturalmente e geralmente sem hora, lugar ou alvos pré-definidos, ele apenas acontece. Estudar algo com características tão sublimes, que, na prática, é muitas vezes incontrolável e devastador, se torna bastante complexo e questionador. O ato de amar mexe com diversas emoções e sentimentos (perspectiva emocional), mas não se deve descartar julgamentos, pensamentos racionais e teorias próprias de cada pessoa (perspectiva racional) que em diversos casos são impostas juntamente ao amor. Atração física, conexões mentais, reciprocidade em sentimentos e desejos, quanto em apenas um conceito. Mas existe um conceito pré-definido que nos ensine a amar? E amar o que? Somos ensinados desde pequenos a amar isso ou a amar aquilo, a amar alguém ou a não amar alguém, amar muito ou pouco, dessa ou daquela maneira, tais ensinamentos que se distinguem conforme cultura, e modificam-se conforme o passar do tempo, mas sempre de acordo com as relações sociais estabelecidas pelas próprias pessoas que são produtos e ao mesmo tempo produtoras dentro do meio em que se encontram.

Há um tempo fui agraciada com a oportunidade de realizar um trabalho acadêmico na disciplina de “Saúde e Sociedade”, onde o tema era *mulheres com distúrbios emocionais*; projetamos, eu e minhas colegas, nosso foco para o grupo MADA – Mulheres que Amam Demais Anônimas. Este grupo é um programa de recuperação para mulheres que criam dependência em relacionamentos destrutivos e tem como um de seus objetivos enfrentarem os relacionamentos como processos saudáveis, tanto consigo mesmas, quanto com os outros (GRUPO MADA).

O grupo foi criado baseado no livro “Mulheres que Amam Demais”, da autora ROBIN NORWOOD (2011). Psicóloga e terapeuta familiar, Robin escreveu seu livro baseado em uma experiência pessoal, e de outras mulheres envolvidas com dependentes químicos. Muitas características em comum havia entre elas, então as chamou de “mulheres que amam demais”. No livro ela também sugere a criação de grupos para tratar da “doença” de amar e sofrer demais. Conhecer e participar de um desses grupos foi uma experiência fantástica para mim, um confronto de conceitos e ciência sobre o amor como saúde, como algo naturalmente humano, ou como doença e dor. Mas falar de doença, ou processo saúde-doença envolve variáveis tanto referentes à saúde,

quanto à doença, as quais estão interligadas entre si. Não se deve limitar como causadores de doenças os agentes etiológicos, a determinação do estado de saúde de uma pessoa é um processo complexo e subjetivo. De acordo com SILVA (2006), a doença ganha voz pelo sujeito que sente, pensa e constata e é influenciada por fatores biológicos, espirituais, sociais, psicológicos e recursos essenciais que promovem a manutenção da saúde e bem-estar. Vale ressaltar que esses fatores são instáveis e podem variar com o passar dos anos, de uma região para outra, de uma etnia para outra.

Há estudos que debatem o excesso de amor como uma doença (VIEIRA et al, 2009; DIAS e MACHADO, 2011; BARONCELLI, 2001; SILVA, 2008; MURTA, 2006; SOPHIA, 2008; NÓBREGA et al, 2005; SOPHIA et al, 2005) e é sobre esse tema que se trata o presente estudo. Não tenho afirmações ou conclusões definidas, mas parto do pressuposto que amor é uma dádiva divina e procuro respostas, ou ao menos uma reflexão, aos casos de amores sofredores, doentios e abusivos que existem e devem ser levados em consideração.

Além disso, um caso em particular proporcionou muitos questionamentos. Uma grande amiga, relação que me pertence desde a infância, viveu esse “amor” sofrido. Sim, ela diz ser amor. Por questão ética preservarei sua identidade e a chamarei de Jasmim (darei o nome de flor por trazer à lembrança a feminilidade, delicadeza, multiformas, porém singular e especial). Jasmim esteve em um relacionamento por aproximadamente oito anos, que desde o início nunca fora muito saudável.

Aparentemente ela se sentia realizada por ter alguém tão carinhoso e atencioso em sua vida, mas logo isso mudou. Ele traficava e consumia drogas e durante todos esses anos presenciei esse relacionamento proibido ser conduzido como segredo e com direito a vários riscos. Ela não percebia a que ponto tinha chegado, mas todos em sua volta eram atingidos com suas loucuras, mentiras, sumiços, inclusive eu. Particularmente sinto-me bastante envolvida, pois somos como irmãs. Lembro-me de uma época que Jasmim emagreceu quatro quilos em uma semana, pois não comia e só chorava, porque os pais, na tentativa de salvarem-na desse tormento, faziam de tudo para ela permanecer em casa, não falar e nem ver o namorado. Jasmim era traída, agredida, mas não se importava, ela o amava demais para deixá-lo ir.

Tudo desmoronou, seu ciclo social, sua vida escolar e familiar, sua saúde, tudo. Devido a uma de suas mentiras e sumiços foi acidentalmente sequestrada, abusada, o que trouxe muita dor a todos que a cercavam. Horas que pareceram eternas, sofrimento que não desejo a ninguém. Atualmente, Jasmim está quase no período de conclusão universitária, e se diz liberta dos traumas e loucuras. Também não se encontra mais com seu antigo parceiro. A partir dessa minha vivência e questionamentos, iniciei este estudo. Para a realização do trabalho, foi utilizado o referencial do amor no contexto sócio-histórico segundo a Filosofia, Psicologia e História.

Minha pretensão ao realizar essa pesquisa foi de ampliar o meu conhecimento como terapeuta ocupacional e o dos futuros leitores. Em particular, gostaria de conhecer e de compreender mais dos sofrimentos psíquicos e emocionais, aprendendo também a lidar com esse tipo de público ao longo de minha trajetória profissional.

Como graduanda em Terapia Ocupacional, ao estudar mais sobre esse tipo de sofrimento, é possível a avaliação das consequências geradas pelo mesmo nos componentes e contexto de desempenho, podendo promover, então, uma possível intervenção, a qual pode ser baseada na relação entre paciente, terapeuta, atividade e vida real, estimulando autoconhecimento sobre seu processo ocupacional e a (re) construção deste. Além disso, devido ao tratamento das mulheres que amam demais acontecerem em grupo, meu interesse sobre esse tema aumentou.

Há algum tempo acompanhei grupos terapêuticos e oficinas em saúde mental, o que de fato trouxe muita motivação para esta área. Compreender mais a respeito de outros sofrimentos, ampliará meus conhecimentos e me proporcionará outra visão na área da Saúde Mental. Para MAXIMINO (1995), o grupo pode ser entendido como uma “caixa de ressonância”, onde “as singularidades são vividas dentro de uma trama grupal, no qual cada elemento se torna significativo ao outro, passando a fazer parte de uma rede vincular”. Então, partindo do pressuposto que o ser humano não vive solitário, é de significativa importância o agrupamento também para tratamento terapêutico, pois conforme BRUNELLO (2002) é na estrutura interacional do grupo, que pessoas se reúnem e interagem entre si, projetando suas fantasias e tornando-se visíveis no processo de assunção e delegação de papéis.

Aos prováveis leitores, desejo que proporcione um novo conhecimento e uma forma de ajuda aos que se identificarem com o objeto de estudo, tanto com uma visão pessoal, quanto com a visão científica estudada e comparada.

Através de um estudo, os próprios portadores desse sofrimento, podem ser ajudados; e aqueles que julgam ser amados de forma excessiva e negativa entenderão mais sobre o tema e características das atitudes de seus parceiros, sendo possível também, assisti-los. Anseio, de alguma forma, que sirva de base a outros profissionais da saúde para que, ao lidarem com esse tipo de situação, tenham este trabalho como referência e sintam-se motivados a iniciar novos estudos com este tema, pois ainda se encontra relativamente escasso, levando em consideração os muitos casos existentes, além de ser um assunto intrínseco da sociedade, sendo essencial, no mínimo, uma reflexão.

OBJETIVOS

Objetivo geral

- Compreender o amor enquanto virtude como causador de sofrimento na atualidade

Objetivos específicos

- Analisar o risco de patologização do sentimento na atualidade, segundo o referencial do amor enquanto virtude.
- Compreender o amor como prática social desde suas origens a suas transformações

METODOLOGIA

Esse estudo possui abordagem exploratória com o objetivo de aprimoramento de ideias e descoberta de intuições, com natureza qualitativa das relações sociais e orientado pela metodologia hermenêutica, “caminho possível para a construção de saberes em saúde e para compreensão dos discursos e práticas operantes” (FURLAN, 2012, p. 61).

AYRES (2005) discute o conceito como:

(...) As chamadas ciências hermenêuticas, ou ciências do espírito, aquelas cujos juízos são validados pelo acordo logrado entre os sujeitos acerca da inteligibilidade e sentido de proposições que têm como origem e aplicação seu próprio autoentendimento como sujeitos. Implicam significado e interpretação, configuram um saber compreensivo, orientado pelas relações parte-todo e motivado por interesses práticos, no sentido relacional-formativo (p. 554).

Segundo RUNES (1995), citado por AYRES (2005, p. 555), “o termo hermenêutica designa genericamente ‘a arte e a ciência da interpretação’”, então a utilização desta metodologia tem como objetivo tornar compreensivo o objeto do presente estudo, não só de maneira superficial, mas de forma interpretada e buscando aclarar os dados analisados. A compreensão do amor trazido ao longo da história, e do sentimento como causador de sofrimento e/ou felicidade avaliado nos artigos e filmes, foi uma tarefa hermenêutica desta monografia.

Durante o processo da utilização da metodologia hermenêutica o meu trabalho como intérprete se deu, também, através da fusão de horizontes, que é denominada “tarefa da consciência da história efetual”, onde a situação que eu me encontrava como leitora influenciou aquilo que busquei compreender, levando em consideração o aspecto construtivista do objeto e não ficando limitada somente à intenção do autor e às suas palavras compreendidas em um primeiro momento (GADAMER, 2008; FURLAN, 2012).

Métodos

O levantamento de dados foi feito em duas etapas:

Primeiramente foi realizada uma revisão da literatura, relatando o amor no contexto sócio-histórico segundo a Filosofia e a História.

Foram analisados também, artigos científicos a respeito do amor na sociedade enquanto causador de sofrimento, com levantamento dos periódicos nas bases de dados SciELO e BVS – Biblioteca Virtual em Saúde de 2002 a 2012. Foram utilizados os seguintes descritores: amor, amor e violência, amor e dependência, amor e ciúme, dor de amor, amor patológico. Dentre os critérios de inclusão foram inseridos artigos científicos completos, em Língua Portuguesa, que abordavam o sentimento amor como prática social e o processo saúde-doença relacionado à virtude amor. Foram excluídos textos incompletos, artigos em outro idioma e textos que abordavam assunto distinto ao de amor no processo saúde-doença.

1. CONTEXTO SÓCIO-HISTÓRICO DO AMOR

Em todos os lugares, épocas, povos, textos e contextos, o amor se fez/faz presente como sentimento propulsor da vida em sociedade. Pode-se encontrar suas manifestações em diversas abordagens históricas como novelas, mitos, estórias, teatro, literatura, filmes, entre outras. Levando em consideração a importância do amor e sua compreensão na sociedade, serão abordados alguns contextos para melhor entendimento de sua origem, transformações e influência até os dias de hoje. Pelo fato de existirem muitas culturas e poucos trabalhos a respeito da origem amor, serão apresentados os pontos mais importantes desse tema e que contribuíram para sua existência dentro dos âmbitos social e histórico que envolvem a sociedade moderna.

Vale ressaltar que o âmbito abordado é aquele que envolve o amor entre casais e seus relacionamentos amorosos.

1.1 A ORIGEM DO AMOR ATRAVÉS DOS MITOS

Falar sobre o amor traz à memória sua manifestação nos mitos antigos que permeiam até hoje a sociedade moderna. JUNG (1964), em sua obra *O Homem e seus Símbolos*, relata a importância e influência dos mitos na história da humanidade. O autor expõe o quão fundamental eles são para compreender a espécie humana por expressarem atitudes e sentimentos inconscientes de um povo através dos símbolos.

Tratando da relevância dos mitos e trazendo, ainda, a importância da mitologia Greco-romana devido à influência que sua civilização e pensamento exerceram sobre o mundo, este será o primeiro contexto a ser apresentado. Além disso, por meio dos mitos encontram-se as primeiras concepções de amor e seus significados.

Dentro da mitologia Greco-romana, a história do personagem Eros (o amor personificado) possui várias versões, a seguir serão descritas as duas mais conhecidas abordadas por PLATÃO (2000) em *O Banquete*, e BRANDÃO (1987) em sua obra *Mitologia Grega*.

Pensando também na importância da religião importada ao decorrer do tempo, será relatada a origem do amor através do mito da Teologia Hebraica descrita por PIRES (1978) em *Pesquisa sobre o Amor*.

Não obstante, para maior enriquecimento do estudo, será apresentado outro mito, presente em *O Banquete*, que também dá origem ao amor.

1.1.1. A origem de Eros

Segundo Platão (2000), um dia, Olimpo dava uma festa em comemoração ao nascimento de Afrodite. Os deuses comiam e bebiam abundantemente, entre eles Poros, o Recurso. Enquanto isso Pênia, a Pobreza, para mendigar as sobras da festa, sentou-se à porta. Poros embriagou-se com o néctar, pois ainda não existia o vinho, e ao caminhar pelo jardim de Zeus adormece dominado pela embriaguez.

Pênia ao vê-lo nesse estado deseja, com toda sua miséria, ter um filho de Poros. Então se deita ao seu lado e concebe Eros, o amor. Gerado no dia do nascimento de Afrodite, a deusa da beleza, Eros se torna companheiro e servo da beleza e traz para si a dualidade dos pais, de Poros herda a decisão e a coragem, ambicioso do belo e do bom; de Pênia herda a carência perene e a miséria.

1.1.2. Eros e Psiqué – O Amor se apaixonou pela Alma

Psiqué (personificação da alma) era a mais nova de três filhas de um rei de Mileto, cujo nome era desconhecido, e era extremamente bela. Sua beleza era tanta que pessoas de várias regiões iam admirá-la. Contemplavam a beleza da mortal, abandonando de vez as homenagens feitas à Afrodite.

Completamente ofendida e enciumada, Afrodite enviou seu filho, Eros, para fazer com Psiqué se apaixonasse pelo homem mais feio e horrendo de toda a terra. Eros desce do Olimpo, com a missão de envolver Psiqué na mais triste e destruidora das paixões. Porém, ao ver sua beleza, é ferido pelas próprias setas, apaixonando-se profundamente pela princesa. Eros se vê impossibilitado de viver o seu amor sem que a mãe saiba, então pede ajuda ao deus Apolo, e este promete ajudá-lo.

À distância, Eros impede que sua bela princesa se apaixone por alguém, e assim acontece. Psiqué mesmo sem saber do amor de Eros já o pressentia e o aguardava.

O pai de Psiqué, preocupado com o fato de já ter casado suas filhas mais velhas e não tão belas como a caçula, quis saber a razão pela qual esta não conseguia encontrar um noivo. Consulta então o Oráculo de Apolo, que prevê, induzido por Eros, ser o destino de sua filha casar com um ser monstruoso e ser eternamente infeliz. Através desse oráculo, o próprio Eros ordenou ao rei que enviasse sua filha ao topo de uma montanha, e assim foi feito; Psiqué adormeceu e foi conduzida pelo vento Zéfiro para um bosque cheio de flores, com um riacho de águas límpidas e a sua volta um imenso castelo.

Uma voz a convida para entrar e encantada pela voz ela para em uma sala onde um delicioso jantar a espera. A princesa até procura, mas não vê ninguém, mesmo se sentindo observada. Após o jantar, Psiqué toma um banho e se deita à espera do monstro. Na escuridão da noite, Eros se aproxima de sua amada e a toma para si, retirando-lhe todo medo e dando-lhe total tranquilidade. Ela não vê o rosto do deus, mas sente sua paixão e exprime felicidade. E assim, todas as noites Psiqué recebia a visita de seu amado, e não sentia mais medo, amando-o a cada dia mais. Entretanto, Eros a fez prometer que nunca lhe veria a face, mas deveria confiar apenas no seu amor, e ela encantada de paixão, prometeu.

1.1.2.1. Eros e Psiqué – Confiança: a base do Amor

O casal viveu imensamente feliz, até que um dia, após muita insistência de Psiqué, Eros permitiu que as irmãs da princesa fossem ter com ela já que, aparentemente, sofriam muito sem saber o destino da caçula nas mãos do monstro. Contudo, o deus sempre alertou sua esposa da inveja que consumia o coração de suas irmãs e cobrou dela cumprir sua promessa. Enfim, chegou o dia da primeira visita.

Ao chegarem, as irmãs demonstraram muita piedade em relação à Psiqué, porém ao verem tamanha felicidade da caçula e o maravilhoso castelo onde ela morava, deixaram a maldita inveja consumirem seus corações. E a

cada visita mais felicidade era possível ver através dos relatos e sorrisos de Psiqué. As irmãs tentavam sondar e descobrir a verdadeira aparência do esposo da caçula, elas jogavam-lhe indiretas e induziam a existência de dúvidas no coração da irmã, até descobrirem que ela nunca havia visto o rosto do marido.

Então, convenceram-na a olhar seu rosto e matá-lo logo após, pois este monstro estava apenas esperando o momento certo para devorá-la. E a desconfiança tomou o coração de Psiqué.

Certo dia, após uma linda noite de amor, Eros adormeceu. Com um candeeiro e um punhal, Psiqué se preparava para fazer assim com suas irmãs mandaram. Ao chegar com o candeeiro perto da face de seu marido e contemplá-la ficou extasiada com tamanha beleza e seu amor ardeu ainda mais forte dentro do coração. Hipnotizada pela paixão deixou cair o punhal no chão, e o óleo quente do candeeiro respingou em Eros dando origem imediatamente a uma chaga fazendo com que ele acordasse rapidamente e vendo aquela cena, decepcionado, voasse para longe dizendo: “Quantas vezes não te admoestei acerca do perigo iminente, quantas vezes não te repreendi delicadamente. Tuas ilustres conselheiras serão castigadas em breve, por suas pérfidas lições; quanto a ti, teu castigo será minha ausência” (BRANDÃO, 1987, p. 214).

1.1.2.2. Eros e Psiqué – A Alma vai à busca do Amor

Psiqué estava inconsolável. Quando se recompôs, notou que o lindo castelo havia desaparecido, e que se encontrava bem próxima da casa de seus pais. Tentou suicidar-se se atirando em um rio próximo, mas suas águas a trouxeram gentilmente para sua margem. Foi então alertada por Pan para esquecer o que se passou e procurar novamente ganhar o amor de Eros.

Por sua vez, quando suas irmãs souberam do acontecido, fingiram piedade, mas partiram então para o topo da montanha, pensando em conquistar o amor de Eros. Lá chegando, chamaram o vento Zéfiro, para que as sustentasse no ar e as levasse até Eros. Mas, Zéfiro desta vez não as ergueu no céu, e elas caíram no despenhadeiro, morrendo.

Psiquê decidiu buscar a ajuda da própria Afrodite. Foi recebida com ira pela deusa do amor. Afrodite a espancou e arrancou os seus cabelos e, ainda mais, delegou à inconsolável mulher, várias tarefas impossíveis de serem cumpridas.

A primeira foi separar inúmeros grãos de diversos tipos, conforme cada espécie, em uma noite. A jovem nem sequer tentou, pois reconhecia tamanha impossibilidade e adormeceu. Vendo isso, uma formiga ficou bastante irritada e chamou todas as formigas que conhecia para realizarem essa tarefa e assim foi feito. Afrodite, inconformada, delegou a segunda missão, a moça deveria lhe trazer flocos de lã de ouro que cobriam o dorso de ovelhas ferozes que vagueavam por ali. Psiqué saiu, mas não em busca dos flocos de lã, e sim pretendo se jogar mais uma vez no rio. Ela foi salva por um Caniço verde que a ensinou colher os flocos de lã de ouro no momento em que as ovelhas descansassem, e assim ela o fez o que enfureceu mais uma vez sua sogra.

Então ela lhe manda a terceira e impossível tarefa. Afrodite lhe pede um pouco da suja água da nascente do Rio Estige, porém nascia de uma alta montanha tão íngreme, que era impossível escalar. Levando um frasco numa das mãos, a princesa logo desiste e revela que mais fácil é se jogar, quando a águia preferida de Zeus surge, tomando-lhe o frasco, enchendo-o e devolvendo a ela. O trabalho, mais uma vez, foi realizado.

Então, tomada de furor, Afrodite a submete a última e mais terrível missão, inventando que tinha perdido um pouco de sua beleza por cuidar do ferimento de Eros, pede a Psiquê que vá ao Hades e peça à sua rainha, Perséfone, um pouco de sua beleza. Psiqué percebe que este é o seu fim e decide pular de uma torre. Entretanto a torre fala com ela e a estimula a não desistir de sua última missão e a instrui como fazer. Afrodite estava certa de que ela não voltaria viva. Mais uma vez, a deusa se engana. Psiquê convence Perséfone a encher uma caixa com a sua beleza para Afrodite. No caminho de volta à Afrodite, quando pensa que sua beleza havia se desgastado depois de tantos trabalhos, não resiste e resolve abrir a caixa, o que lhe era proibido, então cai em sono profundo, parecendo já morta.

Eros já curado de sua queimadura vai ao socorro de sua amada, põe de volta o conteúdo dentro caixa, desperta Psiquê com uma de suas flechas e ordena-lhe que entregue a caixa à mãe dele. Enquanto isso, Eros vai ao

encontro de Zeus e pede sua ajuda e o deus aceita e torna Psiqué imortal. Com a benção de Afrodite, Eros e Psiqué ficaram unidos para sempre e de acordo com BRANDÃO (1987) “desse enlace nasceu logo depois uma menina, que, na língua dos mortais, se chama Volúpia, quer dizer, o prazer, a bem-aventurança”.

O Amor cobiou a mortalidade da Alma, apaixonando-se por ela, fazendo-a imortal. Amor e Alma estavam unidos para sempre, imortais que eram, só um poderia fazer o outro feliz e completo, jamais podendo viver separados (BRANDÃO, 1987).

1.1.3. Adão e Eva – O Amor nasce do Amor

PIRES (1978) descreve que após a criação do mundo, Deus criou o homem do pó da terra e lhe soprou nas narinas o fôlego de vida, e o homem passou a ser alma vivente. Então, Adão é acometido por uma solidão profunda e Deus se compadece dele e dá origem a Eva. Porém esta não se trata de uma nova criação, pois foi feita da própria costela do homem. A questão é, por que Eva não teria sido feita com os mesmos instrumentos utilizados para a criação de Adão? “Porque Eva devia ser a contraparte de Adão ligada a ele pela dupla afinidade espiritual e física. O Amor teria de nascer do Amor.” (PIRES, 1978, p. 17). Adão era dono da semente da alma que acometeria toda a espécie humana, através da criação de Eva pela sua própria carne houve a fusão de duas almas numa só, simbolizando a afinidade perfeita, pois, de acordo com PIRES (1978), cada alma é um Ser que se destina à universalidade do Amor e não ao exclusivismo a dois.

1.1.4. O Andrógino – Em busca da sua outra metade

Na Grécia Antiga, no início dos tempos, havia os Andróginos, seres proto-humanos cuja aparência seria semelhante à de duas pessoas unidas pelas costas. PLATÃO (2000) retrata três tipos de seres Andróginos: os que duplicam o sexo masculino, os que duplicam o feminino e os que unem o sexo masculino e o feminino, numa fisionomia hermafrodita.

Estes seres humanos eram enormes e redondos, com quatro braços, quatro pernas, duas cabeças e tinham os dois sexos. A criatura podia andar ereta, como os seres humanos fazem, para frente e para trás. Mas podia também rolar e rolar sobre seus quatro braços e quatro pernas, cobrindo grandes distâncias, veloz como um raio de luz. Eram redondos porque redondos eram seus pais: o homem era filho do Sol. A mulher, da Terra. E o par, um filhote da Lua. Era a criação preferida de Zeus, o rei dos deuses.

Eram seres superiores aos humanos e então ficaram ambiciosos e tentaram roubar o fogo dos deuses. Zeus ficou muito descontente. Como castigo, o rei dos deuses partiu os seres Andróginos em dois. Mandou que Netuno costurasse a pele, e no lugar do remendo ficou o umbigo. Sem piedade, afastou as metades. Os amantes, como siameses unidos pelas costas, nunca foram de fato capazes de reconhecer suas faces, entretanto existia o sentimento visceral de plenitude apenas possível pela fusão com o corpo do outro; assim, estando separados, este sentimento se torna o único meio de reconhecimento mútuo.

O amor entre as duas caras metades que beiraria a perfeição divina fora condenado a beirar o impossível. Depois disso, os seres humanos passavam a vida se sentindo incompletos, vagando desesperados pelo mundo, procurando sua outra metade. Quando finalmente conseguiam se reencontrar, as metades se abraçavam chorando, ficando assim - abraçados - até a morte. Zeus ficou com pena das criaturas, além disso, encontrou-se preocupado, com medo de que os seres humanos simplesmente desaparecessem da face da Terra.

Logo teve outra ideia. Virou as partes reprodutoras dos seres para a sua nova frente. Antes, eles copulavam com a terra. De agora em diante, se reproduziriam durante o abraço. E assim subsistiu até os dias de hoje: os seres humanos vagam pelo mundo, sentindo-se incompletos, procurando suas outras metades, para encontrarem, novamente, o sentimento pleno do amor (PLATÃO, 2000).

1.2. A EVOLUÇÃO DO AMOR NA CIVILIZAÇÃO

Após passar milhares de anos a civilização humana conta com uma série de fatores que demonstram sua evolução. Juntamente com ela, o amor (ou talvez a maneira de vivê-lo) também sofreu transformações acompanhando a sequência que envolve a perspectiva histórica do mundo em que vivemos. PIRES (1978) relata que mesmo com a existência de incontáveis civilizações, a Cristã foi a que permaneceu e conseguiu alcançar um espaço na Terra como um todo, e, além disso, conseguiu também lançar-se nas pesquisas como referencial nesta evolução.

Entretanto, ainda não se sabe com certeza quais civilizações existiram antes de nós e se realmente existiram, ou se apenas não passam de contos ou lendas. Então, como base a narração de PIRES (1978) em *Pesquisa sobre o Amor*, para abordagem dessa evolução, o mais relevante é “o nosso mundo e a ideia formada a partir dele através das pesquisas científicas, a partir dos princípios do Renascimento no século XIV” (p. 80).

Limitar o tempo não é a verdadeira intenção para este estudo, mas sim levantar os aspectos mais importantes que podem ser levados em consideração através de uma breve retrospectiva da mudança da civilização desde os tempos da selva até os dias hoje, abrangendo, contudo, milênios.

Os relatos a seguir serão baseados em O livro *Pesquisa sobre o Amor* (PIRES, 1978) que discute sobre a evolução do amor na civilização.

1.2.1. As primeiras manifestações do amor

Estudar sobre a origem humana ainda é um assunto bastante questionador. Levar em conta os antigos desenhos ou ilustrações nas primeiras cavernas também não traz uma considerável aproximação para a descoberta dessa origem, a qual só pode ser analisada de perto através de pesquisas e buscas arqueológicas, e se possível mantendo o contato com ossos e restos de animais e humanos. Mesmo sendo seres selvagens, os homens primários, suas personalidades já os induzia a lutar constantemente contra as situações desfavoráveis de clima, moradia, alimentação; a dominar a organização e

desenvolvimento social e aprimorar todos os recursos disponíveis para caça, comunicação e locomoção.

Tratando-se do ser humano ainda como um ser animal em busca de sobrevivência, descreve-se, então, o amor primitivo como uma mera relação entre machos e fêmeas, onde após a reprodução, surgem os filhos, trazendo o aparecimento das primeiras tribos ou clãs, conhecidos como os primeiros agrupamentos familiares. Esses primeiros sinais de necessidade revelam o amor como algo presente no ser primitivo de forma basicamente instintiva e intuitiva.

Quando o animal sofre transformações e a natureza se encarrega de exteriorizá-las através da adaptação e mudança cerebral, demonstrando a capacidade de adaptação e “mutação” do homem, aquelas reações que antes se caracterizavam como instintivas, se tornam adaptativas e condicionadas à experimentação. O amor, agora, se apresenta como um elemento já existente no consciente psíquico, necessitando apenas de ser manifestado. As novas relações de razão e afetividade se revelam através da experiência e as manifestações do amor anulam a animalidade do homem o elevando à condição humana. E conforme PIRES (1978), esse aspecto é capaz de demonstrar “que o amor é o fundamento da civilização, a substância, por assim dizer, de que as civilizações se formam”. (p. 82)

1.2.2. O amor sofre mudanças

PIRES (1978) ainda continua dizendo que com o desenvolvimento da mente e a acumulação de experiências e conhecimentos, os homens primitivos foram aperfeiçoando seus instrumentos, utensílios domésticos e armas, suas técnicas e meios de subsistência.

Desenvolveram também sua vida em sociedade, suas atitudes e hábitos sociais, como a vida familiar, a vida em grupos, a participação coletiva, neste período introduziram cerimônias religiosas, aperfeiçoaram a arte, o artesanato, passaram a construir casas e abrigos, a fazer agasalhos, descobriram o fogo e inventaram os meios de comunicação e transporte.

Eles eram nômades, ou seja, grupos coletores que não possuíam moradia fixa. Andavam em bandos e viviam da coleta (frutos e raízes), da caça,

da natureza e tudo era comunitário. Com o passar dos tempos, descobriram como manipular e fabricar alimentos variados, além de domesticar os animais.

Com as novas descobertas e a percepção da posse de terras, começam a surgir as questões de posse dos filhos e mulheres, conseqüentemente aparecendo juntamente com ela as questões de heranças. A família começa a ser instituída, novos interesses vão surgindo, as riquezas vão dificultando as relações humanas. Aqueles sem muitas posses começam a lutar e disputar por recursos alheios.

A superioridade física do homem sobre a mulher começa a ser fortemente evidenciada e cada vez mais aumentada com as posses e a dominação dos negócios e da família. As uniões naturais começam a se artificializar como meros rituais, onde a mulher é reduzida à escravidão progressiva. O sentimento de posse transforma a mulher em uma simples mercadoria. O amor simples e ingênuo começa a ganhar direitos e deveres, acompanhado de rituais, simbologias e regras.

A mulher se transforma em tabu, criatura intocável e encarnação da honra do pai e da família. As jovens acrescentam ao tabu o seu valor de troca, viram mercadoria. Dali por diante, os seus sonhos de amor são loucuras de moças inexperientes e ignorantes, que os pais reprimem em favor delas mesmas, do futuro que as espera (PIRES, 1978, p. 83).

1.2.3. As grandes civilizações

Ainda segundo PIREs (1978), as civilizações orientais foram fundamentais para o surgimento das primeiras cidades, para o desenvolvimento da escrita e da agricultura. A partir de então, surgiria também o Estado, instituição que concentraria as funções de governo e que estabeleceria as regras e leis. Grandes exércitos surgiam através dos Estados para a defesa da ambição de outros.

A antiga disputa pelas pequenas posses de terra se transforma na luta pela conquista de territórios em sua totalidade. O amor se caracteriza nessa época como um leque de interesses e convenções em contradição constante, o sentimento se torna um objeto de cobiça. O que realmente possuía relevância

eram os títulos de nobreza, os quais levaram os pequenos reinos daquela época a guerras devastadoras.

1.2.4. A tentativa de reação da mulher

PIRES (1978) prossegue contando que a antiga Roma chega ao seu alto grau de imperialismo, conquistando o mundo. É neste momento que a mulher, mesmo tão valiosa, se mostra mais uma vez frágil, na tentativa de lutar contra as instituições dos primeiros sacerdotes. A Cleópatra, mulher de grande influência, confia em seus instintos e tenta salvar o Egito, porém é mais uma vez vencida e se mata. Entretanto, era o tempo auge dos grandes mitos, o que tornou o culto a beleza muito forte naquela época. Talvez essa fosse a chance da mulher se libertar da escravidão.

Platão já falava da teoria do amor ligada à libertação da alma, o amor aos belíssimos corpos levaria também à salvação. Porém esse período não durou muito, pois o culto à beleza não se restringia mais às mulheres. Eros, o deus do amor, perde de vez o seu lugar para ambição devastada na Terra. Persas e macedônios, com sede de riqueza e poder, rebaixam de vez o amor.

1.2.5. Amor: será ele intocável?

O autor diz que os povos bárbaros liquidaram Roma, e o Cristianismo, que havia perdido seu lugar na Palestina acaba por se infiltrar em Roma. Através da dominação dos bárbaros havia uma esperança, pois eles cultuavam a beleza feminina, eram verdadeiros adoradores das mulheres. Entretanto, o sacerdócio cristão já havia penetrado com tanta força, que o culto à mulher era culto à virgem.

A virgindade e a fidelidade se tornaram tabus invioláveis. As mulheres eram submetidas a torturas para manterem a castidade, cintos, fechaduras e chaves, enquanto os homens, os barões daquela época, lutavam e conquistavam terras distantes. Os suspiros de amor das moças pelos cavaleiros eram em vão.

1.2.6. O problema do amor

Para finalizar, PIRES (1978) alude que com o passar do tempo, até chegar ao mundo contemporâneo, as mulheres conseguiram se livrar da escravidão e adquirir direitos. Atualmente é possível observar todas as conquistas e evolução feminina. Entretanto, PIRES (1978) discute ainda, que até nos dias de hoje existem limites para essa liberdade. A banalização, o crescimento dos pensamentos pornográficos, a ambição, a padronização do ser e ter em relação às mulheres ainda afronta a dignidade feminina. O autor levanta questionamentos sobre a família dos dias hoje, e o rebaixamento da mesma e chama a atenção dos filósofos que tanto idolatraram o amor e que hoje não tentam resolver ou descobrir o problema do amor.

Com a evolução da civilização o amor foi perdendo a essência natural e espontânea que acometia a fala dos filósofos e os mitos antigos. De qualquer forma, até o hoje, este sentimento se apodera das pessoas independentemente da cultura, tecnologia ou religião, além de continuar sendo tema de diversos estudos e questionamentos, na maioria deles tratado como virtude e muitas vezes sendo relacionado à dor.

2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Foi realizada uma busca computadorizada da literatura, utilizando dados dos indexadores SciELO e Biblioteca Virtual de Saúde – BVS, entre os anos de 2002 e 2012, com os termos amor, amor e violência, amor e dependência, amor e ciúme, dor de amor, amor patológico. No método de busca foram incluídos somente artigos em Português e com textos completos, o que forneceu um total de 242 artigos. Ao final, após leitura minuciosa dos resumos, foram selecionados 12 artigos relacionados com o objeto e os termos de seleção da pesquisa, como demonstra a tabela a seguir.

Tabela 1 – Artigos selecionados para revisão bibliográfica

AUTOR	TÍTULO	ANO	REVISTA	BASE DE DADOS
José Augusto Evangelho Hernandez; Ilka Maria Biasetto de Oliveira	Os componentes do amor e a satisfação	2003	Psicologia: Ciência e Profissão, vol. 23, n. 1, Brasília, 2003	SciELO
Eglacy C Sophia; Hermano Tavares; Monica L Zilberman	Amor patológico: um novo transtorno psiquiátrico?	2007	Revista Brasileira de Psiquiatria, vol.29, n.1, pp. 55-62, 2007	SciELO
Thais de Morais Sampaio; Arthur Guerra de Andadre; Danilo Antônio Baltieri	Síndrome de Clérambault: desafio diagnóstico e terapêutico	2007	Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul, vol.29, no.2, Porto Alegre, 2007	SciELO
Thiago de Almeida; Kátia Regina Beal Rodrigues; Ailton Amélio da Silva	O ciúme romântico e os relacionamentos amorosos heterossexuais Contemporâneos	2008	Revista Estudos de Psicologia, vol.13, n.1, pp. 83-90, Natal, 2008	SciELO
Izabel Cristina Rios	O amor nos tempos de Narciso	2008	Interface (Botucatu), vol.11, n. 25, PP. 421-426, 2008	SciELO
Paulo José Carvalho da Silva	A dor de amor na medicina da alma da primeira modernidade	2008	Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamenta, vol.11, n.3, pp. 475-487, 2008	SciELO
Leandro Castro Outramari	Amor e conjugalidade na contemporaneidade: uma revisão de literatura	2009	Revista Psicologia em Estudo, vol. 14, n. 4, Maringá, 2009	SciELO
Zuleica Pretto; Kátia Maheirie; Maria Juracy Filgueiras Toneli	Um olhar sobre o amor no Ocidente	2009	Revista Psicologia em Estudo, vol. 14, n. 2, Maringá, 2009	SciELO
Márcia Santana Tavares	Com açúcar e sem afeto: a trajetória de vida amorosa de mulheres das classes populares em Aracaju/SE	2010	Revista Serviço Social & Sociedade, n. 101, p. 121-145, 2010	SciELO
Rosilene Almeida Santiago; Maria Thereza Ávila Dantas Coelho	O crime passional na perspectiva de infratores presos: um estudo qualitativo	2010	Revista Psicologia em Estudo, vol.15, no.1, Maringá, 2010	SciELO
Lauane Baroncelli	Amor e ciúme na contemporaneidade: reflexões psicossociológicas	2011	Revista Psicologia & Sociedade, vol.23, n.1, pp. 163-170, 2011	SciELO
Juliana Bressanelli; Antônio M. Ribeiro Teixeira	Erotomania: os impasses do amor e uma resposta psicótica	2012	Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica, vol. 15, Rio de Janeiro, 2012	SciELO

Na sequência, foi discorrido sobre categorias específicas tratadas nos artigos, suas semelhanças e contradições a respeito do amor na sociedade, sua atuação prática e sua atividade no processo saúde-doença. Foram abordados quatro tópicos essenciais evidenciados através das leituras: amor romântico; amor como prática social; amor como causador de sofrimento; a falta de amor como causa de sofrimento.

2.1. O AMOR ROMÂNTICO

O amor romântico, termo utilizado para fazer referência ao amor entre casais, tem sido descrito, desde a Grécia Antiga, em publicações realizadas por autores de várias áreas do conhecimento. Platão, por exemplo, o teve em vários de seus discursos como já foi relatado anteriormente.

Vimos que o amor apresenta conceitos semelhantes, porém ele se transforma a depender da cultura, da época e dos sujeitos envolvidos por ele. O amor romântico e seus conceitos seguem a mesma dinâmica, e também apresentam suas contraposições segundo a perspectiva de diferentes autores.

Apesar da correria diária e da busca incessante por conquistas que permitam qualquer tipo de realização pessoal ao ser humano, o amor, mesmo não sendo o centro e encontrando-se, muitas vezes, “por trás das cortinas”, não perde seu valor ou sua essência, sendo considerado ainda, a maior influência para alcançar o ápice da realização pessoal e o alicerce da felicidade individual. Seja antes ou depois das prioridades sociais, o amor tem sobrevivido com grande força e sempre vem acompanhado de componentes que complementam sua existência como carinho, companheirismo, cumplicidade, família, prazer sexual, etc. Em suma, é a parte basilar da vida humana, o amor sensível e maior que qualquer paixão terrena, além de eterno (RIOS, 2008).

O desejo amoroso se espalha e contamina qualquer ambiente, dando-lhe contornos eróticos ou amorosos – amizades, parcerias, paqueras, casos, namoros. O amor transborda os limites da vida privada e desliza nos interstícios da vida pública, com registro semelhante ao da sexualidade (FOUCAULT, 1985, citado por RIOS, 2008).

Esse amor romântico surge no contexto da humanidade como fenômeno social, lado a lado com o individualismo (FOUCAULT, 1986, citado por RIOS, 2008) e os processos do amor tornam-se fundamentais para a formação e manutenção da identidade (COSTA, 1998, citado por RIOS, 2008).

Trata-se de um amor saudável, puro, completo, idealizado, mágico e raro que gera desafio e esforço no comportamento dos parceiros ao cuidarem de si com controle, desenvolvimento e crescimento mútuo, sempre levando em consideração os interesses e atividades pessoais preexistentes, as quais tendem apenas a progredir em uma relação construtiva (SIMON, 1982 citado por SOPHIA et al, 2007; RIOS, 2008).

Falar de amor romântico, diz respeito, então, a um encontro profundo até a raiz da alma. Entretanto, é ao chegar nesse aspecto, que opiniões distintas são encontradas.

Para RIOS (2008) e PRETTO et al (2009) o amor romântico é heterogêneo com a realidade e nessa perspectiva realista existem muitas críticas sobre seus princípios básicos de idealização/perfeição. Dizem os autores que relacionamentos amorosos baseados nesse fundamento são fadados ao fracasso. O ser humano é frustrado quando almeja a qualquer custo alcançar o modelo romântico tão ideal quanto impossível; vivendo de forma passiva e infeliz e exteriorizando que a vivência concreta é bem diferente da proposta inicial, deixando claro que quanto maior a expectativa depositada no companheiro e a renúncia do eu, diretamente proporcionais são suas frustrações.

OUTRAMARI (2009) ainda acrescenta que esse amor vive em uma busca contínua e nunca alcança sua finalidade. O amante quer ser fruto de uma única possibilidade, de algo pré-determinado e ao sentir que foi escolhido pelo amado entre tantos outros, sente-se desvalorizado e mais uma vez frustrado. Contudo, sugere-se que as concepções de amor vividas hoje são caracterizadas por ilusão e realidade, ganhos e perdas, altos e baixos, felicidade e sofrimento (COSTA, 1999 citado por PRETTO et al, 2009).

Há ainda uma divergência entre termos onde DRISCOLL et al (1972), citado por HERNANDEZ e OLIVEIRA (2003), distinguem amor romântico de amor conjugal. Onde este é baseado na confiança, tolerância, troca,

conhecimento e crescimento mútuo dos parceiros, com maturidade; e aquele se baseia em necessidades, dependência, paixão, idealização, exclusividade.

Há que se compreender que mesmo com significados e vivências práticas diferentes, a paixão e o amor se relacionam de maneira direta e se aproximam muito. Há constantemente uma busca pelo sujeito amado sempre com expectativas de que os sentimentos do início do relacionamento se perpetuem (OUTRAMARI, 2009).

Ainda que na prática o idealismo inicial normalmente não se realize, existe, entretanto, uma tentativa por parte dos amantes e amados de aproximação com aquilo que é mágico e permanece dentro de suas expectativas, portanto não se deve abolir as possibilidades. BEAUVOIR (1990), citado por PRETTO et al (2009), alega:

O amor autêntico deveria assumir a contingência do outro, isto é, suas falhas, seus limites, sua gratuidade original; não pretenderia ser uma salvação e sim uma relação inter-humana. Acrescenta ainda,(...) deveria assentar no reconhecimento recíproco de duas liberdades; cada um dos amantes então se sentiria como si mesmo e como o outro: nenhuma abdicaria sua transcendência, nenhum se mutilaria; amados desvendariam juntos no mundo valores e fins. Para um e para outro, o amor seria uma revelação de si mesmo pelo dom de si e o reconhecimento do universo.

2.2. AMOR COMO PRÁTICA SOCIAL

Desde os mitos ou sua evolução na civilização, o amor se manifesta não apenas como algo intrínseco do ser humano, mas também como uma construção social cercada de padrões, valores ou práticas inerentes de uma determinada sociedade. Conversar a respeito do amor, então, envolve, além do sujeito, a condição social em que ele se encontra, a qual determina quem ele é dentro do meio em que vive.

PRETTO et al (2009) diz que o amor está sempre envolvido em um contexto; é uma categoria em meio a várias outras existentes em situações específicas da vida de cada um; é uma escolha. Um tipo de relação social que possibilita a transição do individual para o coletivo, permitindo que ela obtenha funcionalidade e significado. BYTRONSKI (1992, 1995), citado por HERNANDEZ e OLIVEIRA (2003), alega ainda que, apesar das inúmeras

variáveis que envolvem o âmbito situacional de cada indivíduo, são as relações interpessoais vivenciadas pela humanidade que geram as emoções mais intensas, inclusive aquelas decorrentes do amor.

Estabelecer que o amor é fruto de uma relação da comunicação social com sua ação prática é bastante relevante dentro deste discurso, todavia não isenta-se que ele é vivenciado como sentimento, pois há um vínculo direto com os pensamentos e concepções a respeito do amor e sua vivência dentro da singularidade de cada sujeito. Não existe um modelo ou padrão que domine as relações interpessoais nos tempos modernos, ao contrário, diferentes maneiras de se conviver e gerar vínculos tendem a se misturar e coexistir, tornando o relacionamento amoroso uma experiência susceptível a mudança, repetição ou invalidação com o passar do tempo (OUTRAMARI, 2009; GIDDENS, 2002 citado por BARONCELLI, 2011; BAUMAN, 2004 citado por BARONCELLI, 2011).

Apesar das inúmeras formas práticas de amar constituídas na sociedade, o sentimento amor tem dirigido escolhas, caminhos, destinos e muitas vezes é responsável tanto pelas felicidades do ser humano quanto por suas feridas; tanto pela saúde das pessoas quanto por sua consumação. (OUTRAMARI, 2009; RIOS, 2008).

As escolhas amorosas são influenciadas, portanto, por diferentes normas e padrões culturais, segundo a conveniência e interesses em comum de cada pessoa; são definidas por razões de ordem prática. Essas razões modificam-se constantemente, gerando crises de valores e objetivos diferentes da vida a dois. A vivência prática encontra-se bastante confortável. BAUMAN (2004), citado por OUTRAMARI (2009) e PRETTO et al (2009), se manifesta de forma clara a respeito dessa perspectiva. O autor relata que a vida moderna encontra-se cada vez mais “líquida”, frágil, com relações inseguras e perecíveis. Ainda que o amor permaneça continuamente nos objetivos pessoais da humanidade, os relacionamentos duram cada vez menos. A rotina consumista promove velocidade e novidade na intimidade, provocando um fenômeno de individualização que instiga cada vez mais satisfações particulares.

(...) nos compromissos duradouros, a líquida razão moderna enxerga a opressão; no engajamento permanente percebe a dependência incapacitante. Essa razão nega direitos e

deveres aos vínculos e liames, espaciais e temporais. Vínculos e liames tornam "impuras" as relações humanas – como o fariam com qualquer ato de consumo que presuma a satisfação instantânea e, de modo semelhante, a instância obsolescência do objeto consumido (BAUMAN, 2004 citado por PRETTO et al, 2009).

A vivência prática humana apresenta-se operacional. Há uma defasagem entre o que as pessoas pensam e que conseguem, de fato, realizar. Vários autores evidenciam essa linha de raciocínio, obtendo as mesmas conclusões. OUTRAMARI (2009); RIOS (2008); PRETTO et al (2009); GIDDENS (2002), citado por BARONCELLI (2011), exprimem que as identidades modernas se sustentam pelo consumo. As pessoas envolvidas em relacionamentos tentam controlá-los como controlam investimentos de mercado; acumulam histórias como se acumulam coisas; comercializam sentimentos e emoções; “coisificam” a si mesmos e aos outros. As pessoas estão sim em busca de relações amorosas, mas são influenciadas cada vez mais pelo padrão comercial, onde há um descarte desses vínculos em busca de outros que prometam maior satisfação pessoal e individual e menos esforço, já que além das frustrações concebidas pela falta do outro, a forma de se doar também se encontra inadequada e insuficiente.

Uma das causas para as crises amorosas é a presença da insegurança, que causa tanto mal-estar. O ser humano busca ininterruptamente por segurança e garantias. Como dito anteriormente, o que as pessoas pensam/sentem, muitas vezes não conseguem pôr em prática. Mesmo com a constatação do amor “líquido” no mundo moderno, ainda é característica intrínseca do ser humano a fuga da fragilidade dos laços sentimentais. DESCHAMPS (2003), citado por OUTRAMARI (2009), diz que o ser humano introduz cada vez mais as emoções decorrentes da paixão em seus relacionamentos, porém os componentes do amor romântico se mostram muito presentes nas trocas amorosas em virtude da segurança e confiança impregnadas nele.

Supõe-se que essa mistura de sentimentos possa ser um dos motivos de tantas contradições. HATFIELD (1988), citado por HERNANDEZ e OLIVEIRA (2003), se propõe a diferenciar dois tipos de sentimentos: amor apaixonado e amor companheiro. Este é caracterizado pelo desejo dos parceiros de se revelarem um ao outro dividindo valores, segredos, fraquezas e

sonhos; de explorarem suas semelhanças e diferenças, colocando em pauta preocupações e cuidado com o outro, buscando o maior conforto e estabilidade na relação. Já aquele é descrito como desejo, almejando essencialmente a reciprocidade, na medida em que uma separação gera vazio, ansiedade e desespero. Um conjunto de emoções negativas e positivas.

Embora haja a fluidez do amor nos tempos modernos, é inerente do ser humano a necessidade de um arranjo emocional que defina uma aliança forte a fim de conquistar sobrevivência prática, ainda que os fatos discordem dessa afirmação. O encantamento amoroso também é racional, fundado na ideia de encontrar algo que complete aquilo que falta em si mesmo, mas na contemporaneidade as pessoas estão cada vez mais cheias de ego, obcecadas pelo seu eu, o que impede a conciliação entre suas necessidades e a conquista delas. Pessoas se sentem só mesmo estando acompanhadas. Ainda que exista o desejo pelo sucesso do amor romântico idealizado, a sociedade parece não se dispor a assumir com os investimentos essenciais que rompem com o imediatismo, como responsabilidade, compromisso e “sacrifício” do eu. Além disso, é necessário um esforço pessoal de indivíduos seguros de suas próprias identidades, para obtenção de uma intimidade estável e pautada em confiança (RIOS, 2008; GIDDENS, 2002 citado por BARONCELLI, 2011; PRETTO et al, 2009).

RIOS (2008) menciona que o amor nunca é calmo ou sereno, porque ele se aplica na intersubjetividade de pessoas diferentes. Todavia, o tempo passa, a sociedade muda, mudam as regras, mas o ser humano reage devagar no âmbito das emoções. Por existirem diversas maneiras de considerar o amor e sua implicação na experiência cotidiana, basta que os sujeitos se disponham a recriar possibilidades e se reinventar em meio a uma relação amorosa, em busca de um relacionamento duradouro que respeite as individualidades e ao mesmo tempo invista em crescimento mútuo (PRETTO et al, 2009).

Para finalizar, há uma problemática específica muito tratada por diversos textos e autores a respeito dos relacionamentos a dois que, mesmo em tempos tão modernos, ainda existe e parece estar longe de cessar. Sabemos que a cada dia a mulher tem conquistado mais espaços em meio à sociedade. Contudo, ainda há uma grande parte das relações entre casais baseadas em concepções machistas e patriarcais, onde as emoções femininas se submetem

à dependência financeira e à submissão até mesmo em uma situação de infidelidade, indiferença e violência do parceiro. O amor verdadeiramente idealizado por elas se torna um sonho acalentado pelas novelas. Na dura realidade ainda existe a sina que uma mulher sem dono não é respeitada, motivo pelo qual elas ainda suportam toda frustração. Ainda mais intrigante é que essas mulheres demonstram tentar evitar a solidão ou o desamparo em meio à própria infelicidade, pois o homem ainda representa segurança e proteção, independente de suas atitudes. Além disso, para elas, é com a manutenção dessas relações que elas adquirem respeito e valor (TAVARES, 2010).

Existem muitos paradigmas e contraposições a respeito do amor, de seus conceitos e de sua prática em meio à sociedade, afinal ele se encontra em sujeitos imperfeitos e em constante transformação, motivo pelo qual deve ser continuamente estudado e tratado com seu devido valor. Ainda que vivenciado como sentimento, com conceitos pré-determinados, sua construção social ainda é condicional.

2.3. O AMOR COMO CAUSADOR DE SOFRIMENTO

É evidente que a perspectiva do amor está presente em todos os aspectos da humanidade e que ele é responsável por gerar uma mistura de emoções na vida de um sujeito. Discutimos que o amor possui um histórico de conceitos idealizados, mágicos e perfeitos, entretanto, quando é pautado como construção prática, os fatos desconstruem a regra.

O amor como causador de sofrimento não é um tema inédito nas histórias amorosas da vida humana, pelo contrário, é um aspecto bastante recorrente desde o mundo midiático à realidade. É relevante, então, conversar a respeito das causas, características e talvez possíveis consequências de um sofrimento causado pelo amor ou quem sabe, pelas relações amorosas.

OUTRAMARI (2009) expõe que amor não correspondido é uma característica marcante nos relacionamentos da cultura ocidental, e que invade muitas outras ao redor de todo o mundo. As pessoas quando encontram o objeto amado acabam por se anularem em detrimento do outro, formando uma relação de dependência com ele. Ocorre uma sensação de ausência de

realidade por parte dos amantes. Enquanto nos amores malsucedidos, PRETTO et al (2009) diz que os amantes consideram a existência de muitos obstáculos e dificuldades para a realização existencial de si, o que gera insatisfação e angústia na relação.

Levando em consideração os princípios idealizados do amor, é intrigante a constatação de sofrimentos causados por ele. Fromm (1996), citado por HERNANDEZ e OLIVEIRA (2003), relata e diferencia dois tipos de amor: o falso amor e o verdadeiro amor. Este é uma atividade de cuidado, respeito, responsabilidade, maturidade, que preserva a integridade pessoal e a individualidade. Enquanto o falso amor é baseado em dependência, submissão, passividade e sentimentos neuróticos.

Para existir o “paraíso do amor”, é necessário amar e ser amado, com a garantia dessa relação não terminar em infelicidade ou ódio. SILVA (2008) diz que neste mundo não há esse amor ou mesmo essa convicção. Os relacionamentos são baseados em dúvidas a respeito do amor do outro, o que gera inquietude, preocupações que afetam os relacionamentos. O autor também que revela que o amor provoca muitas outras vergonhas como incesto, adultério, corrupção e crimes. Devido a esses fatores é possível qualificá-lo como irracional.

SILVA (2008) ainda relaciona inicialmente o amor com a melancolia e a mania, os quais poderiam ser confundidos entre si, mas descarta tais possibilidades, entretanto não isenta que ele possa ser relacionado com outras psicopatologias. Ele deixa claro que o amor parece não ser curável, que seu único remédio encontra-se em si mesmo, além dele ser parcial, instável e finito.

Existem várias suposições para o amor relacionado a sintomas psicopatológicos e sofrimentos psíquicos que geram atitudes descontroladas e neuróticas, mas em muitas delas há controvérsias. Fala-se em diferenças entre amor e paixão, amor e emoções, escolhas e sentimentos, entre o verdadeiro e o falso. Por meio das leituras, quatro aspectos recorrentes foram encontrados a respeito do sofrimento causado pelo amor, os quais serão relatados e diferenciados brevemente a seguir.

2.3.1. Ciúmes

Observamos que uma característica essencial para a preservação de um relacionamento saudável e duradouro é a presença da confiança. SILVA (2005), citado por OUTRAMARI (2009), expõe que a confiança é um dos requisitos fundamentais para construção e realização do amor. O anseio por fidelidade é um desejo resistente por parte dos amantes, pois eles acreditam que por meio dela alcança-se o amor romântico; ela demonstra que o amado é único e eterno.

BARONCELLI (2011) alude que ao longo do tempo os relacionamentos têm sido marcados por vários aspectos que dizem respeito à fidelidade. A necessidade em saber e conhecer tudo de seu parceiro, seu passado, presente e ainda ter domínio do futuro, é uma peculiaridade de muitas relações amorosas. Os vínculos baseados em dependência e insegurança têm como característica especial a presença do ciúme, o qual não é uma experiência exclusivamente contemporânea, ou seja, esse sentimento é muito antigo e atravessa várias épocas e contextos. Esta é uma situação clara de oposição à fluidez que marca as experiências amorosas do mundo atual, aqui o ciumento vive em uma busca insaciável e talvez até inatingível de alcançar certos padrões de beleza física ou certo grau mental na tentativa de corresponder a todas as expectativas de seu companheiro, mitigando sua já frágil autoestima. ALMEIDA et al (2008) confirma essa ideia, ele diz que o ciumento, muitas vezes, pode ser percebido como uma pessoa que tem baixa autoestima e não consegue dar valor a si mesmo.

ALMEIDA (2007b) citado por ALMEIDA et al (2008), menciona que o ciúme pode representar desde uma manifestação de amor até um sentimento que produz angústias e pode atingir formas doentias, abalando a saúde física e mental de ambos os envolvidos. Pode-se tratá-lo também como algo inevitável, pois todas as pessoas estão sujeitas a ele seja em alto ou baixo grau, além de que o entendimento sobre ciúme também varia conforme a cultura. BRINGLE (1995), citado por ALMEIDA et al (2008), também confirma a hipótese de que o ciúme é inerente do sujeito e pode ocorrer em qualquer tipo de relacionamento, principalmente no amoroso. SILVA (2008) informa que o amor humano está condenado ao ciúme.

Ainda que não seja comprovado que o ciúme é um sentimento inerente do ser humano, ele tem sido muito evidenciado nos relacionamentos. A sensação de ameaça, desconfiança, medo, rejeição tem contribuído fortemente para que esse sentimento tome conta das relações. RAMOS (2000), citado por ALMEIDA et al (2008), conta que é possível se ter ciúme até mesmo em vínculos unilaterais/platônicos. ALMEIDA (2007b), citado por ALMEIDA et al (2008), acrescenta ainda que pessoas ciumentas permanecem inconstantes entre o amor e a desconfiança, e isso as tornam perturbadas, obcecadas e frágeis emocionalmente.

CAVALCANTE (1997,) citado por ALMEIDA et al (2008), difere o ciúme patológico do ciúme não patológico. Enquanto o ciúme mórbido/patológico/Síndrome de Otelo é caracterizado por pensamentos irracionais, irrealistas, com comportamentos inaceitáveis e medo de perda para um rival, o ciúme não patológico é caracterizado pelo desejo de preservação do relacionamento. ALMEIDA et al (2008) diz ainda que, os casos de ciúme patológico estão cada vez mais recorrentes às clínicas, onde casais buscam suporte para solução desse problema.

Ainda levando em consideração o mesmo autor, compreende-se que o ciúme não é amor, ele é sentimento muitas vezes integrante das relações amorosas e pode ser considerado também como construção social abrangendo vários outros sentimentos como insegurança, medo, inveja, ódio e a baixa autoestima e assim como o amor, é passível de transformações no que tange o aspecto vivencial.

2.3.2. Erotomania

No contexto do amor como causador de sofrimento, é importante diferenciar as categorias e peculiaridades decorrentes dele. Uma delas é a erotomania ou Síndrome de Clérambault. SAMPAIO et al (2007); BRESSANELLI e TEIXEIRA (2012) discorrem sobre esse tema descrevendo suas características diagnósticas.

Há alguns séculos, a erotomania era considerada uma variante do amor patológico, entretanto, no século XIX, essa patologia foi considerada um subtipo da paranoia.

O portador da erotomania, geralmente mulheres, apresenta uma condição mental em que há convicção delirante, na qual se acredita que é amado por alguém de posição social financeira superior. O indivíduo insiste que o objeto do amor é quem se apaixona primeiro e investe no relacionamento, e declara o interesse sexual inicial. O doente costuma descrever de maneira detalhada, fatos desse amor correspondido.

ELLIS & MELSSOP (1985), citado por SAMPAIO et al (2007), apresenta critérios para se considerar um caso de erotomania:

- Convicção delirante da comunicação amorosa;
- O objeto de amor é de alto nível socioeconômico;
- O objeto é o primeiro a se apaixonar;
- O início é súbito (dentro de um período de 7 dias);
- O objeto é fixo (ou pode, no máximo, ser substituído por outro);
- Paciente racionaliza o comportamento paradoxal do objeto;
- Curso crônico;
- Ausência de alucinações;
- O delírio deve ser criado sem alteração do nível de consciência.

A erotomania não é ainda uma síndrome muito discutida e há controvérsias no que tange as características do diagnóstico, contudo possui aspectos muito peculiares que são relevantes para o entendimento das emoções no mundo moderno.

2.3.3. Amor Patológico

Há ainda muita discussão a respeito das relações afetivas, das causas para sua fragilidade, e principalmente, da atuação do amor em meio a elas, sendo virtude, ou causando algum tipo de sofrimento.

SOPHIA et al (2007) discorre que nos relacionamentos amorosos saudáveis existe a preocupação do cuidado e da atenção em relação ao parceiro, entretanto quando essas atitudes sofrem certo descontrole caracteriza-se um problema denominado amor patológico - (AP).

Os autores discutem sobre suas características clínicas e diagnósticas, já que ainda não é um tema muito estudado. Eles dizem que muitos autores associam o AP com outros transtornos ansiosos e psíquicos como depressão,

transtorno obsessivo compulsivo, dependência de amor; entretanto estabelece um diagnóstico diferencial do AP. É essencial que o comportamento do portador dessa patologia seja repetitivo e sem controle de prestar cuidado e atenção querendo essencialmente reciprocidade. O sujeito com amor patológico acredita que o companheiro trará significado para sua vida, e em uma linguagem psicológica, a essência do AP parece não ser mais o amor e sim o medo – de não ter valor, de ficar só, de ser abandonado, de não ser amado.

Os mesmos autores concluem, então, que o AP deve ser diferenciado do amor saudável, o qual possui o sentimento de realização pessoal preservado; da erotomania e do ciúme, os quais já foram relatados anteriormente. No AP ocorre oscilação entre certeza ilusória e incerteza, desconfiança, possessividade e ocorre geralmente em mulheres com baixa autoestima. Logo, as características dessa patologia devem ser embasadas no descontrole do ato de cuidar, e no aspecto de abandono dos interesses pessoais, e, ainda, na ilusão de que virá a ser amado.

Para concluir, os autores revelam que para a constatação do AP é necessária uma avaliação diagnóstica abordando aspectos psiquiátricos e história familiar, sendo imprescindível a compreensão do diagnóstico diferencial do AP.

2.3.4. Crime Passional

Como foi citado na introdução do presente estudo, além do amor ser responsabilizado como causador de sofrimentos, ele é muitas vezes relacionado como causa e motivo para o cometimento de crimes. Quem nunca ouviu a famosa frase: “Eu matei por amor”?

Apesar disso, juridicamente o crime passional é cometido sob influência da paixão, tipificado como crime hediondo, com pena de reclusão de 12 a 30 anos, e de motivação torpe. O acusado qualifica-se como pessoa recusada pela vítima – a pessoa amada – resolvendo se vingar, matando-a (BERALDO, 2004 citado por SANTIAGO e COELHO, 2010). Segundo ELUF (2003), citado por SANTIAGO e COELHO (2010), o crime passional é um delito gravíssimo e

não existe crime cometido por amor, e sim por ódio. Ela diz que o medo do ridículo impulsiona a prática deste delito.

À luz da legislação penal brasileira, diz o dispositivo do artigo 28, inciso I, que a emoção e a paixão (motivos para crimes passionais) não excluem a imputabilidade, sendo esta conceituada como a capacidade de entender o caráter ilícito do fato e de determinar-se de acordo com esse entendimento.

Além da pesquisa sobre conceitos e classificações sobre a emoção e a paixão, nos interessa mencionar a possibilidade de tais institutos comprometerem a capacidade de entendimento e determinação do indivíduo quanto à imputabilidade penal e a atribuição de crimes a determinados fatos cometidos na eminência de tais sentimentos.

Primeiramente, emoção e paixão são estados psíquicos capazes de alterar de forma considerável o consciente de uma pessoa. Ambos os sentimentos diferem-se quanto à durabilidade e intensidade; o primeiro é um estado de ânimo inesperado e passageiro, esvaindo-se com rapidez, enquanto o segundo se efetiva paulatinamente no indivíduo, sendo considerado um nível crônico da emoção.

Nesse sentido, o dicionário Aurélio de Língua Portuguesa (FERREIRA, 1986) descreve a emoção como "reação intensa e breve do organismo a um lance inesperado, a qual se acompanha dum estado afetivo de conotação penosa ou agradável", ao passo que a palavra paixão, corresponde ao "sentimento ou emoção levados a um alto grau de intensidade, sobrepondo-se à lucidez e à razão." Como descrito por PRETTO et al (2009), a paixão é imediatista, razão pela qual o apaixonado passa a não poupar energia e nem acatar limites para atingir seu objeto de desejo. No mesmo contexto, por SOPHIA et al (2007), o "amor-paixão" é tido como egoísta, segunda a filosofia kantiana, fugindo do controle do indivíduo, relacionando-se aos próprios interesses do mesmo.

Com efeito, qualquer ser humano tomado pela emoção e/ou paixão tem sua capacidade de raciocínio e autodeterminação reduzida, bem como comprometidas as suas funções mentais; razão pela qual deve ser a matéria objeto de estudo da ciência penal, considerando a influência que ambos os sentimentos podem causar sobre a vontade criminosa do agente.

Vê-se, pois, que sob o enfoque do Direito Penal, a emoção e a paixão não são causas excludentes da imputabilidade do agente. Isso significa que a pessoa imbuída de tais sentimentos responderá perfeitamente pelos ilícitos que cometer. Contudo, há que se ressaltar a possibilidade da emoção figurar como causa de diminuição de pena – de 1/6 a 1/3 – em crimes como o homicídio doloso e lesões corporais dolosas, desde que cumpridos os requisitos exigidos pelo legislador, ao passo que a paixão não recebe o mesmo tratamento. (NUCCI, 2013)

Por outro lado, é impreterível advertir que a emoção e a paixão podem assumir o caráter de patologia, equiparando-se à doença mental, prevista no artigo 26, caput, do Código Penal, situação na qual atuarão como modificadores da imputabilidade e culpabilidade do agente, por assumirem estados emocionais ou passionais patológicos. Nesse sentido, a paixão que retira a capacidade de compreensão e transforma o indivíduo em um doente mental influi na sua culpabilidade. Contudo, vale ressaltar que situações de desespero e ciúme doentio não criam novas causas excludentes de imputabilidade se não caracterizarem doença mental. (NUCCI, 2013)

SANTIAGO e COELHO (2010) alegam que pessoas condenadas por tal delito relatam sentimentos de desespero e humilhação no momento do crime. Na realidade, o homicídio encontra motivação na impossibilidade dos assassinos em controlar situações como a traição ou o desprezo, assim, tendo em vista sentimentos como o ódio e o ciúme, a violência é a reação imediata que os fazem matar a vítima.

Os autores ainda revelam que em uma de suas entrevistas, as quais foram realizadas com presos que cometeram crimes passionais, o homicida relatou que na hora do crime não sabia o que fazer e que a loucura é que faz a pessoa cometer um assassinato. Além dele, outros internos apresentaram em seu discurso que quem ama não mata, pelo contrário, faz tudo pela pessoa amada e que o amor é eterno, puro e sério; já a paixão é doentia, passageira, descontrolada e finita.

Ainda no mesmo discurso, eles concluem que os crimes passionais são motivados por ciúmes, ódio e rivalidade.

2.3.4. O sofrimento causado pela falta de amor

A solidão consiste num estado, uma conjuntura necessária em muitos momentos da vida, mas que por vezes se torna um ideal de ser. Desde os primórdios e, agora, na atualidade, uns têm sofrido por amor, enquanto outros têm padecido por sua falta (BIRMAN, 2001 citado por RIOS, 2008).

Com efeito, habitamos em um mundo onde o fracasso é predominante nos relacionamentos, onde relações intersubjetivas não são dotadas de credibilidade e onde o sucesso amoroso tornou-se impaciente e tedioso. Nesse contexto, a figura da coletividade dá lugar ao eu excessivo dotado de uma identidade particular, tendo em vista que é na falta do amor que o individualismo se forma e fundamenta a existência humana (COSTA, 2004 citado por RIOS, 2008).

É notório que aqueles que sofrem por não amar ou por faltar-lhes o amor são, em grande parte, pessoas incrédulas de ideias que vislumbram um mundo perfeito, são amantes de si mesmo, de modo a não precisar que outros a satisfaçam. Tais pessoas vislumbram o amor romântico de forma meramente fantasiosa, aquele existente tão somente nas novelas. Subjetivamente, se o amor não acontece, na literalidade do termo, melhor estar só. É como, sabiamente, ressalta, GOETHE (2000, p.112), citado por RIOS (2008):

Ah, ninguém me poderá dar o amor, a alegria, o calor e o prazer, se tudo isso não estiver dentro de mim mesmo, e com um coração repleto de felicidade não poderei fazer feliz a outrem, se ele permanecer frio e sem forças diante de mim.

Vê-se, pois, que o ser só se materializa na sua autossuficiência e onipotência, alimentando em si a desnecessidade de alguém que lhe complete. Na realidade, a aversão a mudanças, o medo de sofrer e a intolerância às pessoas são os grandes pilares e justificativas para uma vida solitária.

Depreende-se então que a falta de amor também pode conduzir o ser humano, dirigir escolhas, fazer e desfazer a saúde.

Se as pessoas não amam sofrem porque não tem com quem compartilhar o que tem, e se não são amadas, não adianta ter o que compartilhar (RIOS, 2008).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos primórdios observou-se que o amor sempre possuiu conceitos idealizados. No contexto mitológico, ainda que amar possuísse obstáculos, os amantes não desistiam de si, e mesmo que fossem opostos, eles se completavam de algum jeito. Era uma busca constante para encontrar sua “alma gêmea” e após encontrar, essa relação era vivida de forma fantástica, ainda que houvesse conflitos.

Já observar o amor e sua evolução na sociedade traz evidências que os relacionamentos não mantêm o mesmo padrão. Eles começam caracterizados como instintivos, passam a ser necessidade, obtêm um padrão romântico, são comercializados, se tornam objetos de compra e venda, adquirem caráter meramente religioso, são banalizados, são vulgarizados e assim sucessivamente conforme a mudança de cultura, época e gerações.

É possível observar que nos dias de hoje há muita discussão a respeito do amor e sua prática. Muitos questionamentos ainda sequer possuem respostas.

O sujeito, em sua singularidade, enxerga o amor conforme sua perspectiva, sua ótica, suas crenças e ainda é influenciado pela sociedade em que se encontra. Estudos comprovam que mesmo com conceitos e princípios pré-definidos, o amor em sua vivência, não se conserva natural, ou então não se mantém estável. As próprias pesquisas apresentam diversos posicionamentos, opiniões e controvérsias.

No que tange ao sofrimento, foi possível perceber que tanto no ciúme, na Síndrome de Clérambault, no amor patológico, quanto nos crimes passionais, o amor acaba sendo camuflado, dando lugar à paixão, ao ciúme excessivo, à baixa autoestima, à loucura, ao medo, e muitos outros sentimentos que causam descontrole, inclusive o ódio. Na teoria o amor acaba voltando ao ideal inicial, embora seja praticado de formas irracionais, por pessoas imperfeitas.

Muitos conceitos, muitos valores, várias sociedades, diferentes culturas, sujeitos com personalidades particulares e singulares, diversos fatores contribuem para tantas contradições e indagações.

Em um mundo onde a virgindade era valor, separações eram dramáticas, onde o ser não dependia do ter, observa-se que a sociedade se move conforme “o vento” (ainda existem exceções). Hoje o amor é normatizado, a moralidade é quem reina com papel opressor sobre a vida privada. Aquele estilo romântico se corrompeu há tempos.

Atualmente observa-se ser comum conversar sobre sexualidade em todos os meios de comunicação; a vulgaridade alcança crianças, homens, mulheres e relacionamentos; a sociedade tem aceitado comportamentos antes considerados insultantes.

O amor se tornou um jogo social complicado. Pessoas querem dominar pessoas. Uns não querem perder, outros fazem tudo para ganhar. Valores só são valores quando não ameaçam o ego, quando não ultrapassam muros criados pelo eu. A manifestação do amor, então, ocorre a partir daquilo que a sociedade tem por hábito ou costume de vivência e de construção do eu. A queixa comum é o sentir-se só, mesmo que acompanhado.

Alguns se ressentem do egoísmo e da superficialidade nos relacionamentos; outros estão obcecados, neuróticos, dependentes. Como a sociedade é imediatista, tudo se resumiria, podemos dizer, em: “afinal, se eu me basto, tudo me basta, se eu me supro, não preciso do outro. Se não sou nada, o outro deve ser tudo, mas tudo deve girar em torno de mim”.

Em todos os “problemas” causados pelo “amor”, os motivos estão relacionados com pessoas, sociedades e muitos sentimentos proporcionados por elas, porém a causa nunca é o próprio amor. Vemos em cena a paixão, o ódio, o medo e tantos outros sentimentos sendo confundidos com o amor.

Pessoas se relacionam mais pela segurança, do que pela companhia do outro. Aquele ideal de amor, que condiciona o pensamento de que ninguém é completo e sempre falta uma “peça”, faz com que pessoas depositem todas as suas expectativas no outro, além de que elas acreditam que a satisfação de suas necessidades é dever do outro. As frustrações geram ódio, cobranças, críticas e fluidez das relações.

O amor em sua essência ainda mantém as mesmas características. Amar sem projetar, sem idealizar, apenas amar e ser amado. Ter prazer de estar com alguém, vontade de dividir práticas existenciais, ser solidário, torcer pela pessoa, sentir saudades, ser completo independente do outro, porém ser

mais feliz pela presença dele. Atualmente a forma de aproximação é de apoderar-se do outro para se sentir amado e não dar-se ao outro para amá-lo; é querer a outra pessoa, no lugar de querer o bem dela. Pessoas suportam o insuportável com medo da solidão, as circunstâncias estão marcadas pelo “status”.

Há uma construção social constante e progressiva, entretanto o amor não deveria estar vinculado às circunstâncias que o permeiam dentro de um todo. Não obstante, vale ainda ressaltar, que pessoas são imperfeitas e também se transformam diuturnamente, o que impede, que na prática, o amor seja perfeito.

Conclui-se que o problema não é e nunca será o amor. O defeito está no ser humano e na sociedade em que ele vive. Pessoas que sofrem emocionalmente merecem seu devido cuidado. A dor causada por relacionamentos existe e deve continuar sendo estudada.

Esta situação problemática, que cresce demasiadamente, pode ter se tornado comum, o que não a torna, necessariamente, normal. Talvez o único erro tenha sido culpar o amor. Talvez a solução, quem sabe, não seja amar?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Thiago de; RODRIGUES, Kátia Regina Beal; SILVA, Ailton Amélio da. O ciúme romântico e os relacionamentos amorosos heterossexuais Contemporâneos. **Revista Estudos de Psicologia**, vol.13, n.1, pp. 83-90, Natal, 2008.

AYRES, José Ricardo de Carvalho Mesquita. Hermenêutica e humanização das práticas de saúde. **Revista Ciência & saúde coletiva [online]**, 2005, vol.10, n.3, p. 554.

BARONCELLI, Lauane. Amor e ciúme na contemporaneidade: reflexões psicossociológicas. **Revista Psicologia & Sociedade**, vol.23, n.1, pp. 163-170, 2011.

BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia Grega**. Volume II. Petrópolis - RJ: Vozes, 1987.

BRESSANELLI, Juliana; TEIXEIRA, Antônio M. Ribeiro. Erotomania: os impasses do amor e uma resposta psicótica. **Revista Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**, vol. 15, Rio de Janeiro, 2012.

BRUNELLO, Maria Inês Britto. Terapia ocupacional e grupos. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, v. 13, n. 1, p. 9-14, jan./abr. 2002.

COMTE-SPONVILLE, Andre. **Pequeno Tratado das Grandes Virtudes**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

DIAS, Ana Rita Conde; MACHADO, Carla. Amor e violência na intimidade: da essência à construção social. **Revista Psicologia & Sociedade**, vol.23, n.3, pp. 496-505, 2011.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986, pp. 634, 635 e 1248

FURLAN, Paula Giovana. **Os grupos na Atenção Básica à saúde: uma hermenêutica da prática clínica e da formação profissional**. 2012. 243p. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) - Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, Campinas – São Paulo.

GADAMER, Hans-George. **Verdade e método**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

GRUPO MADA. Informações sobre o Grupo MADA – MULHERES QUE AMAM DEMAIS ANÔNIMAS. Disponível em: <http://www.grupomada.com.br/pagina.php?x=apresentacao&tit=apresentacao> >. Acesso em: 12 de novembro de 2012.

GLOBO. Assassino de Eloá Pimentel Vai à Júri Popular {online}. **Jornal Nacional**. Atualizado em nove de Janeiro de 2009 - 00h25. Disponível em: <http://jornalnacional.globo.com/Telejornais/JN/0,,MUL948775->

10406,00ASSASSINO+DE+ELOA+PIMENTEL+VAI+A+JURI+POPULAR.html>. Acesso em 12 de novembro de 2012.

HERNANDEZ, José Augusto Evangelho; OLIVEIRA, Ilka Maria Biasetto de. Os componentes do amor e a satisfação. **Revista Psicologia: Ciência e Profissão**, vol. 23, n. 1, Brasília, 2003.

JUNG, Carl G.. **O Homem e seus Símbolos**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1964.

LEÃO, Nayara. Família Pedre "Justiça" em Enterro de Estudante Assassinada no DF {online}. **G1 – DF**. Atualizado em dois de Setembro de 2011. Disponível em: <http://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/2011/10/familia-pede-justica-em-enterro-de-estudante-assassinada-no-df.html>> Acesso em 12 de novembro de 2012.

MAXIMINO, Viviane Santalucia. A constituição de grupos de atividade com pacientes graves. **Revista Centro de Especialidades em Terapia Ocupacional**, v. 11, n. 1, 1995.

MICHAELIS. **Moderno Dicionário da Língua Portuguesa**. 3. ed. São Paulo: Melhoramentos, 2009. 951p.

MURTA, Claudia. O amor entre filosofia e psicanálise. **Revista do Departamento de Psicologia**, vol.18, n.1, pp. 57-70, 2006.

NOBREGA, Sheva Maia da; FONTES, Érica Palmieri Guimarães; PAULA, Fabíola Maria Souza Macêdo de. Do amor e da dor: representações sociais sobre o amor e o sofrimento psíquico. **Estudos de Psicologia**. (Campinas), vol.22, n.1, pp. 77-87, 2005.

NORWOOD, Robin. **Mulheres que Amam Demais**. Brasil: Rocco, 2011.

NUCCI, Guilherme de Souza. **Manual de Direito Penal**. Editora Revista dos Tribunais, ed. 09, 1184p, 2013.

OUTRAMARI, Leandro Castro. Amor e conjugalidade na contemporaneidade: uma revisão de literatura. **Revista Psicologia em estudo**, vol. 14, n. 4, Maringá, 2009.

PIRES, J. Herculano. **Pesquisa sobre o Amor**. Ed Paideia, 1978.

PLATÃO. **O Banquete**. 03/2009. ed. Mem Martins, Portugal: Europa-América, 2000.

PRETTO, Zuleica; MAHEIRIE, Kátia; TONELLI, Maria Juracy Figueiras. Um olhar sobre o amor no ocidente. **Revista Psicologia em estudo**, vol. 14, n. 2, Maringá, 2009.

RIOS, Izabel Cristina. O amor nos tempos de Narciso. **Interface (Botucatu) [online]**, vol.11, n. 25, PP. 421-426, 2008.

RYRIE, Charles C. A **Bíblia anotada: edição expandida**. São Paulo: Mundo Cristão; Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2007. 1504p.

SAMPAIO, Thais de Moraes; ANDRADE, Arthur Guerra de; BALTIERI, Danilo Antônio. Síndrome de Clérambault: desafio diagnóstico e terapêutico. **Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul**, vol.29, no.2, Porto Alegre, 2007.

SANTIAGO, Rosilene Almeida; COELHO, Maria Thereza Ávila Dantas. O crime passionnal na perspectiva de infratores presos: um estudo qualitativo. **Revista Psicologia em Estudo**, vol.15, no.1, Maringá, 2010.

SILVA, Jorge Luiz Lima. O processo saúde-doença e importância para a promoção da saúde. Informe-se em promoção da saúde, n.2.p.03-05. 2006. Disponível em: <<http://www.uff.br/promocaodasaude/informe>>.

SILVA, Paulo José Carvalho da. A dor de amor na medicina da alma da primeira modernidade. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, vol.11, n.3, pp. 475-487, 2008.

SOPHIA, Eglacy C; TAVARES, Hermano and ZILBERMAN, Monica L. Amor patológico: um novo transtorno psiquiátrico? **Revista Brasileira de Psiquiatria**, vol.29, n.1, pp. 55-62, 2007.

TAVARES, Márcia Santana. Com açúcar e sem afeto: a trajetória de vida amorosa de mulheres das classes populares em Aracaju/SE. **Revista Serviço Social & Sociedade**, n. 101, p. 121-145, 2010.

VIEIRA, Luiza Jane Eyre de Souza; FREITAS, Mary Landy Vasconcelos; PORDEUS, Augediva Maria Jucá; LIRA, Samira Valentim Gama; SILVA, Juliana Guimarães. "Amor não correspondido": discursos de adolescentes que tentaram suicídio. **Revista Ciência & saúde coletiva**, vol.14, n.5, pp. 1825-1834, 2009.